

Proletários de todos os países: UNI-VOS!

Avante!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

MAIS UM ANO DE PUBLICAÇÃO DO «AVANTE!»

Foi em Agosto de 1941, há 17 anos, que o nosso jornal reiniciou a sua publicação. Desde então a sua saída regular tem sido sempre mantida apesar das condições duras de clandestinidade e da perseguição constante que lhe é movida pelos dirigentes fascistas.

Porque existe essa perseguição e porque tem sido possível manter regularmente a publicação do «Avante!»?

Num país em que a falta de liberdade de imprensa e a censura comandam as informações e a expressão escrita das ideias, num país onde há longos anos se mantém um governo fascista, um jornal que não vai à Censura, que é livre, que constantemente desmascara a política anti-nacional do governo, só pode ser considerado como um inimigo por aqueles que, totalmente divorciados dos anseios do povo, desejam manter e aminorar, se possível, a sua opressão e exploração.

Mas o «Avante!» não conta só com o ódio dos governantes. Pesa muito mais na sua existência a amizade, o amor de muitos portugueses. São sacrifícios muito grandes (encarados sempre como deveres e suportados sempre com alegria) que estão na base da feitura do nosso jornal. Por ele, militantes do Partido têm dado a vida, como José Moreira, que se recusou na PIDE a dar quaisquer informações sobre a tipografia do «Avante!». Para os mais directos obores do «Avante!», os que o imprimem e os que lançam a sua distribuição, permitindo a sua saída regular, vão, por isso, as nossas primeiras saudações.

Mas quem faz do «Avante!» um jornal querido de milhares de portugueses são todos os seus amigos;

Quando à segunda — isto é, a da falta de organização, coordenação e decisão das forças que se opõem a Salazar — está intimamente dependente das próprias forças anti-salazaristas.

Durante a luta eleitoral, e depois dela, as forças oposicionistas deram provas de uma larga unidade de acção e de um elevado espírito combativo. Em especial as grandes greves e manifestações de milhares de operários, industriais e agrícolas, de protesto contra a burla eleitoral e pela elevação dos salários, nas quais participaram também outras camadas da população, precisamente porque vêm da parte mais numerosa e combativa do povo, revelam uma disposição de luta que é preciso interpretar e canalizar no melhor sentido.

A unidade de acção e a combatividade das massas populares colocam ante as forças anti-salazaristas,

(continua na 2.ª pág.)

ALARGAR, UNIFICAR E COORDENAR AS LUTAS POPULARES TAREFA NUMERO UM DAS FORÇAS ANTI-SALAZARISTAS

No momento presente, os milhões de portugueses que depositaram as suas melhores esperanças numa solução pacífica da questão do regime, através do acto eleitoral de 8 de Junho, fazem a si próprios estas interrogações: «E agora? Vamos nós aceitar a situação criada pela burla salazarista? Vamos suportar por mais tempo a odiada camarilha Salazar-Santos Costa? Como, porque meios, será possível arrancar do Poder esse bando de criminosos?»

São interrogações legítimas de quem se sente lacerado nas suas aspirações mais profundas, interrogações a que é preciso responder duma maneira clara e prática.

Quem é mais forte?

Em primeiro lugar uma questão essencial se coloca: Quem é mais forte, a camarilha de Salazar ou as forças anti-salazaristas?

É uma questão a que as mais simples gentes do nosso povo estão hoje aptas a responder sem erro. A camarilha de Salazar-Santos Costa é hoje incomparavelmente mais fraca que as forças que se lhe opõem porque estas abarcam a Nação inteira desde a classe operária, os camponeses e os intelectuais progressistas até às camadas da burguesia nacional não monopolista. Se tivermos ainda em conta as contradições internas do próprio regime, que são bem visíveis, podemos concluir facilmente que a própria base em que se apoia a ditadura de Salazar é um bloco cheio de fendas, incapaz de resistir ao embate dum oposição unida e decidida a vencer.

Tudo isto ficou claro na grande movimentação nacional de antes e depois das eleições-burla de 8 de Junho.

Como é então possível que a camarilha salazarista se mantenha ainda no Poder? Esta questão é que parece não estar ainda clara, principalmente para alguns dos que têm a responsabilidade de dirigir o nosso povo neste momento decisivo da vida nacional.

Porque se mantém Salazar no Poder?

Presentemente só duas coisas sustentam o regime de Salazar:

uma, o terrorismo; a outra, a falta de organização, de coordenação e decisão das forças oposicionistas.

Quanto à primeira, das duas uma: ou Salazar e os que o apoiam compreendem que a coisa mais sensata que têm a fazer é submeter-se à vontade da nação e facilitar a solução pacífica do problema político nacional, ou não compreendem e continuam a usar da arma do terror contra o povo e nesse caso o que há a fazer é preparar-lhes a resposta adequada.

As grandiosas jornadas de luta vividas pela Nação nos últimos três meses criaram algumas das condições necessárias para resolver a questão do regime por vias pacíficas, mas não todas.

Quer dizer, a forma pacífica ou violenta de solução do problema político nacional não depende exclusivamente da oposição anti-salazarista mas também da atitude última de Salazar e dos seus acólitos.

NOVAS GREVES, PARALIZAÇÕES E CONCENTRAÇÕES INTENSIFIQUEMOS AS LUTAS REIVINDICATIVAS!

As massas trabalhadoras da cidade e do campo em novas greves, paralizações e concentrações continuam a manifestar a sua repulsa contra as eleições burla de 8 de Junho e a reclamar o aumento geral dos salários e a melhoria das condições de vida.

O entrelaçamento das lutas económicas e políticas a classe operária está mantendo o espírito de luta da Nação contra Salazar.

Cerca de 500 trabalhadores em greve no Lousal e Ermidas

Depois da realização de uma reunião de massas, no dia 13 de Julho, em que participaram cerca de 100 trabalhadores os mineiros do Lousal decidiram ir para a greve e até ao dia da sua realização diminuíram a produção como protesto contra as eleições burla e pelo aumento de salários. A greve realizou-se no dia 17 e nela participaram 250 mineiros, a quase totalidade dos trabalhadores da mina. Entretanto a produção

havia baixado de mais de cem vagoneiras.

No dia 18 os trabalhadores regressaram ao trabalho mas encontraram a mina fechada e ocupada por forças da GNR e da PIDE que imediatamente os começaram a interrogar e a provocar. No dia 19, ao retomarem de novo o trabalho foram outra vez insfletidos pelo capitão da GNR de Setúbal.

Em Ermidas-Gare e Ermidas-Aldeia, mais de 200 corticeiros e camponeses fizeram greve pelos mesmos objectivos. A GNR interveio contra os grevistas.

Paralização na Valfer e outras lutas por aumento de salários

No dia 14 de Julho, os operários do turno da manhã da fábrica Valfer de Vila do Conde, concentraram-se à porta da fábrica e negaram-se a pegar no trabalho ao mesmo tempo que reclamavam um aumento de 30% nos salários. Os operários mantiveram-se em greve

das 6.50 até às 7.10, quando apareceram forças da PSP que os forçaram a entrar para a fábrica, fazendo algumas prisões.

Na CEL e na CAT (Venda Nova, Amadora) os operários fizeram também certas paralizações enquanto a uma comissão se avistava com a gerência para reclamar aumento de salários.

Na Alfredo Alves, também na Venda Nova, os trabalhadores elegeram uma comissão representativa de todas as secções, a qual se avistou, no dia 17, de Julho com o patrão reclamando aumento geral dos salários e várias outras reivindicações como: um balneário, cantina, refeitório etc. O patrão prometeu satisfazer todas estas reivindicações. Os operários conseguiram ainda que a comissão ficasse legalizada perante os patrões, e seja recebida por estes todos os meses para colocar os problemas que mais afligem os trabalhadores. Posteriormente 200 operários desta empresa concentraram-se junto da gerência para reforçar o pedido de aumento de salários.

Na Sorefame, também na Venda Nova, foram aumentados os desenhadores e os tragueiros, mas a mudança de categorias só beneficiou alguns dos operários e não todos como a gerência havia prometido. Isto levou várias comissões representando os operários de todas as secções a irem à gerência reclamar o aumento de salários para todos. O patrão voltou a prometer um aumento de 30 por cento.

Na CIP (Póvoa de São Iria), os operários concentraram-se todos, no dia 16 de Junho da gerência e reclamaram aumento de salários.

Na Sôda Póvoa, os operários dos 3 turnos concentraram-se com uma comissão representativa de todas as secções e conquistaram um aumento de 5%, nos salários.

(continua na 2.ª pág.)

(continua na 3.ª pág.)

Mais um assassínio da Pide

APÊLO PARA QUE OS PORTUGUESES NÃO CONSENTAM

MAIS ASSASSINATOS IMPUNES DE COMPATRIOTAS Nossos

No dia 31 de Julho uma pessoa de família do operário Raul Alves Junior foi avisada pela PIDE de que tipador ir vê-lo na Morgue. Mais nenhuma explicação.

Foi assim que a mulher e a restante família de Raul Alves Junior souberam, ela que era viúva, e os outros, que tinham perdido o pai sempre, o seu filho, o seu irmão etc.

O ódio sanguinário de Salazar e Santos Costa está caindo, através da criminoso PIDE, sobre milhares de compatriotas desumanos que, vivendo em condições desumanas nos cárceres fascistas, suportam as torturas e barbaridades.

Temos procurado alertar e apelar para uma acção larga e decisiva contra tal situação.

No «Avante!» da 1.ª quinzena de Julho dizíamos que nos chegavam «notícias alarmantes das prisões da PIDE». Apesar dos cuidados extremos desta para que nada se saiba do que se passa nos seus antros e dos seus esforços cínicos para convencer que os presos não são maltratados, chegavam-nos informações de que em Caxias tinha sido reservada uma sala para os interrogatórios e torturas, que as paredes desta sala estavam manchadas de sangue, que roupa dos presos era

entregue às famílias com sangue também, que muitos presos estavam sendo barbaramente espancados (particularmente com pancadas na cabeça que estavam deixando alguns com perturbações mentais), etc., etc.

Podemós afirmar, podemos denunciar aqui que, entre tantos outros, têm sido espancados pela PIDE: Celestino Bossa Ferreira, empregado de escritório na Sorefame, António Capinha, operário na Sorefame, Américo Marques Pereira, empregado na Carris, Mário Gonçalves e Manuel Dias, empregados no Depósito de Material de Engenharia, Ma-

ALARGAR, UNIFICAR...

(continuação da 1.ª pág.)

e em primeiro lugar ante os seus dirigentes, exigências novas a que não pode deixar-se de responder sob pena de deixar fugir a oportunidade histórica e cobrir-se de descrédito ante a opinião pública nacional.

No momento presente é necessário alguma coisa mais, alguma coisa de importante e decisivo que possa conduzir a Pátria aos seus novos destinos. O que é preciso enão para vencer?

Alargar, unificar e coordenar as lutas populares

Alargar, unificar e coordenar as lutas populares — eis a tarefa imediata de todos os democratas e anti-salazaristas portugueses.

A mobilização das massas é a mais segura garantia de triunfo sobre os fascistas que se enrincheiram no poder.

Toda a posição individualista e aventureira, orientada para um sentido alheio à mobilização das massas, seria um factor de debilitamento da luta nacional contra Salazar e Santos Costa.

É necessário intensificar as lutas operárias e camponesas pelo Pão, pela Paz, pela Terra, pelas Liberdades Democráticas, contra a burla eleitoral, em suma, portadoras das reivindicações políticas e económicas das amplas massas laboriosas. Neste sentido há que levar a luta a novas regiões e centros industriais.

Ao mesmo tempo impõe-se materializar através da luta o descontentamento de todas as outras camadas da população. Que os intelectuais portugueses lutem contra a censura e pela liberdade de expressão do pensamento; que os industriais, comerciantes e agricultores lutem contra os impostos exorbitantes, contra as peias da organização corporativa, por novos mercados, por preços compensadores para os seus produtos, etc.; que os militares, as mulheres, os estudantes e os jovens operários e camponeses lutem pelos seus problemas específicos.

Principalmente que se consolidem as conquistas obtidas no terreno da luta política legal, reorganizando as comissões do Movimento Nacional Independente, formando novas comissões, ligando todo o labor destes organismos às suas tarefas próprias mais imediatas, entre as quais não deixariam certamente de considerar-se a luta contra a repressão e pela amnistia, a preparação para as eleições das Juntas de Freguesia, as comemorações do 5 de Outubro, etc., etc.

A Jornada Nacional de protesto contra a investidura do fascista Américo Tomás, de 8 e 9 de Agosto, que se está a desenrolar neste momento, corresponde a uma forma de luta justa susceptível de interessar as mais diversas camadas do povo português.

Quanto à tarefa de unificar e coordenar as lutas populares eis o momento mais importante e indispensável para conduzir à vitória as forças anti-salazaristas.

Um exército que luta em várias frentes duma maneira dispersa, ainda que possua um elevado moral de luta, será irremediavelmente batido se não dispuser dum comando esclarecido e audaz.

Unificar por indústria, por região, por classe; coordenar no plano nacional — tais são as exigências da luta anti-salazarista no momento presente.

Coordenar as lutas operárias e camponesas com as das outras camadas da população, coordenar as lutas civis e militares, dirigir numa direcção única os esforços e acções

de todos os que querem sinceramente arredar do poder Salazar e Santos Costa.

Para isso é necessário que as forças anti-salazaristas criem urgentemente o seu próprio centro dirigente, o seu Estado-Maior, no qual estejam representadas todas as correntes da oposição, incluindo, claro está, os comunistas.

Não se pode pôr à margem a força política que se revelou tão importante como o Partido Comunista Português. Os que pensam poder vencer a camarilha salazarista sem a colaboração do Partido Comunista, vanguarda da classe operária, dão provas de miopia política e condenar-se-ão à derrota.

O preconceito anti-comunista jogado principalmente contra aqueles que se deixam possuir por ele e repudiam as lições da história.

Presentemente existe no nosso país um certo desequilíbrio entre o grau de movimentação nacional e o nível de organização e unificação da luta. Ao mesmo tempo essa movimentação, com todo o seu enorme significado positivo é ainda estreita para as exigências duma ampla mobilização nacional.

Sabíamos todos estabelecer a concordância entre estes factores fundamentais, sabíamos alargar, unificar e coordenar as lutas populares e a vitória sorria infalivelmente aos anti-salazaristas portugueses.

(continuação da 1.ª pág.)

nuel Sanches, operário no Arsenal do Alfeite, José dos Santos e Fernandes, operários na ENAE, etc., só de Lisboa. Sabemos também que o alfaiate Santos, de Alcântara, foi obrigado a fazer «estátua».

A estes espancamentos e torturas alguns presos não resistem. Hoje mais um assassinato tem de divulgar — o de RAUL ALVES JUNIOR. Raul Alves Junior era operário da Companhia Industrial Portuguesa (Póvoa de Santa Iria) e, como noticiamos, todos os operários dessa fábrica (mais de 500) paralizaram o trabalho como protesto contra a burla eleitoral, no dia 16 de Junho.

No dia 14 de Julho a PIDE prendeu-o, bem como outros seus companheiros de trabalho. Sabemos que, passados dias, os agentes diziam que o haviam de «fazer falar» e no dia 31 o seu cadáver estava na Morgue.

Mais um crime a somar aos assassinatos perpetrados no Porto, Lisboa e Montemor-o-Novo durante e depois da campanha eleitoral, a somar aos muitos assassinatos que a PIDE tem cometido nos seus antros e em assaltos.

Milhares de portugueses continuam presos. De novo apelamos para que sejam desmascaradas as actividades repressivas do governo, para que se proteste contra elas e para que se defendam a liberdade, a saúde

e a vida dos presos políticos.

Dirigimos este apelo a todas as entidades, aos jornais (alguns dos quais têm defendido a necessidade da conciliação entre os portugueses), a todas as pessoas de coração, porque todos nós temos uma parcela de responsabilidade em que sejam permitidos, no nosso país, tais crimes.

Dirigimos igualmente este apelo às organizações democráticas, sindicais, religiosas, humanitárias de todo o mundo, à opinião pública mundial que não ficará indiferente aos crimes que se estão praticando no nosso país.

Salazar disse em 30 de Junho que recorreria a «maior dureza». Dentro da sua política dos «safões a tempo» portugueses estão sendo assassinados. Além dos agentes da PIDE, assassinos profissionais, responsáveis já por tantas mortes, nós responsabilizamos particularmente o governo e em especial os sanguinários Salazar e Santos Costa, por tais assassínios.

Portugueses! Escrevamos cartas de protesto às autoridades. Aprovechemos moções de protesto. Façamos minutos de silêncio e mesmo paralizações de protesto. Desmascaremos estes actos criminosos e pressionemos os nossos conhecidos e as pessoas mais responsáveis dos nossos locais de trabalho ou de habitação para que protestem igualmente.

Unamos todos os nossos protestos para que se acabem os assassinatos impunes da PIDE!

Defendamos as vidas dos nossos compatriotas presos!

Salvemos a vida dos presos políticos! Reclamemos uma Amnistia imediata!

CERCA DE MIL MÉDICOS MOBILIZADOS EM LISBOA EM DEFESA DAS SUAS JUSTAS REIVINDICAÇÕES

No Boletim da Ordem dos Médicos, de Fevereiro deste ano, o sr. dr. José Cabral, termina um seu artigo sobre os problemas da Medicina Organizada (Caixas de Previdência e Assistência prestada através das Casas do Povo, Casas dos Pescadores e outros organismos corporativos) do seguinte modo: «Se a Medicina Organizada continuar a fingir que remunera e o médico a fingir que trabalha, esquecidos de que o doente não finge que sofre e não finge que morre, além das trágicas e imediatas consequências que daí advêm para os doentes e para a saúde pública, a classe médica transformará-se numa classe de funcionários sem nível técnico, nem intelectual, nem moral».

É esta situação do médico na Medicina Organizada bem como o que se passa na Assistência Hospitalar que nos últimos meses tem preocupado vivamente um grupo numeroso de médicos de Lisboa.

Feita uma análise detalhada da situação da medicina encarada sob três aspectos fundamentais — as condições de exercício da medicina, o número de quadros médicos e a remuneração do trabalho médico — foram esses estudos apreciados numa Assembleia Regional de Lisboa.

Cerca de mil médicos (a sala especial encontrada para realizar a Assembleia não chegou para comportar o largo interesse da classe) deram o seu apoio unânime a esses estudos. Que colocam bem clara-

mente a necessidade de melhorar as condições para o exercício da medicina, a necessidade de aumentar os quadros e a situação degradante em que se encontra actualmente a remuneração dos médicos quer na Assistência Hospitalar quer na Medicina Organizada. (A necessária revisão radical da remuneração desse trabalho médico nada contraria o também necessário barateamento da assistência médica).

Já em reuniões anteriores mas muito em especial na ampla Assem-

bleia realizada, foi especialmente salientada a importância e a necessidade da unidade dos médicos para a defesa capaz dos seus justos interesses.

Com tal acção e a constituição duma larga comissão permanente na Ordem para estudar os problemas da classe médica, os médicos entram no caminho da solução dos seus problemas mais prementes e dão um exemplo às outras profissões intelectuais que tantos problemas têm igualmente para defender e resolver.

CARTA DO GENERAL HUMBERTO DELGADO

Lisboa, 12 de Julho de 1958
Senhor Ministro do Interior
Excelência

Assunto: Brutalidades da Polícia Cigea-nos insistentemente a notícia de que no Forte de Caxias se exercem brutalidades físicas sobre cs. presos políticos. Corre mesmo que a um dos guardas se deu a sintomática alcunha de «Hitler», tão sadiosamente feroz se mostra.

Como é do domínio público, apesar de em Portugal ser tão difícil entrarem publicações contra o Governo, as bestialidades exercidas pela PIDE sobre Portugueses tiveram tal repercussão no estrangeiro que a «Associação Internacional dos Juristas Democratas» enviou a Portugal um

observador. Este verificou-as e relatou-as no Boletim n.º 31 da Associação.

Venho apelar como português e oficial das Forças Armadas de um país da NATO, não para os sentimentos humanos que deixei de esperar do Governo, apesar de se dizer defensor da Moral e da Religião, mas para o bom senso, afim de não se criar nova campanha no estrangeiro contra o país, com base nos métodos policiais que o Governo aceita há longo tempo e continua a aceitar.

Peço providências urgentes.
A Bem da Nação
Humberto Delgado
General

A PAZ CONTINUA EM PERIGO!

A poderosa reacção da opinião pública mundial e principalmente a firme posição da União Soviética e dos outros países do campo da paz impediram até agora que os imperialistas americanos e ingleses levassem por diante o seu plano de aniquilar as forças patrióticas que assumiram o poder no Iraque, como era seu claro objectivo ao fazerem desembarcar as suas tropas no Líbano e na Jordânia.

Porém, os círculos imperialistas anglo-americanos não desistiram, ainda, de impor pela força uma nova ocupação colonial aos países do Próximo e Médio Oriente.

No Líbano continuam a desembarcar forças americanas, não obstante o povo deste país manifestar-se abertamente contra a permanência de tropas estrangeiras no seu território. Na Jordânia os ingleses estão dispostos a manter indefinidamente as suas forças.

A par disto os governantes americanos e ingleses estão sabotando a realização duma conferência no mais alto nível, proposta pela U.R.S.S. para discutir os problemas que põem a paz em perigo no Médio Oriente.

Sob a pressão da opinião pública mundial e dos povos dos seus próprios países os governos americano e inglês não puderam rejeitar a ideia da conferência, mas têm levantado uma série de questões de pormenor que estão a retardar a sua realização.

Na verdade, aos planos dos governos americano e inglês que visam a subjugação colonial dos povos do Próximo e Médio Oriente, não interessa a realização da conferência proposta pela União Soviética, pois dela só poderiam sair conclusões tendentes a garantir a independência destes povos, a impedir a intervenção estrangeira nos seus assuntos internos e a auxiliar o seu desenvolvimento económico. O perigo duma guerra mundial de extermínio como consequência da política de pirataria colonialista americana e inglesa no Médio Oriente continua a pairar sobre a humanidade. O povo português, que como se diz no Manifesto da Comissão Política de 17-7, pode ser envolvido neste conflito pela política de aventura guerreira de Salazar e Santos Costa, deve unir os seus esforços aos dos povos de todo o mundo na luta para conjurar esta ameaça.

As forças da paz ao impedirem que se concretizasse até agora o planejado golpe imperialista contra o Iraque e a República Árabe Unida, alcançaram já uma primeira vitória, mas só uma acção ainda mais poderosa que force a retirada das tropas americanas e inglesas que estão concentradas no Líbano e na Jordânia e que leve os governos dos Estados Unidos e da Inglaterra a participar na conferência proposta pela URSS

impedirá que a chama duma nova guerra devore as nações e os povos.

Manifestações diante das embaixadas e consulados americanos e ingleses, moções e cartas individuais e colectivas a juntar às centenas já enviadas no nosso país, serão as formas porque o povo português deve manifestar a sua repulsa pela agressão imperialista no Médio Oriente e o seu amor à Paz por ela ameaçada.

MAIS UM ANO DO "AVANTE!"

(continuação da 1.ª páq.)

todos os seus leitores. Para eles, neste aniversário do nosso jornal vão igualmente as nossas melhores saudações. Mas não só as nossas saudações. Vai também um apelo para que seja aumentada a difusão do nosso jornal.

Que podem fazer os nossos amigos nesse sentido?

Em primeiro lugar podem (e fomos a dizer devem) criticar o «Avante!», fazer sugestões, dar informações ou fazer artigos para o melhorar no seu conteúdo. A «Tribuna do Leitor» tem de aparecer em cada número e deve mesmo ser alargada. Cabe aos leitores essa tarefa. O «Avante!» precisa também de receber mais informações e artigos sobre temas diversos e com uma maneira de escrever mais variada. Só com a ajuda dos nossos leitores e amigos poderemos melhorar o nosso jornal e principalmente dar-lhe um carácter mais vivo, mais ligado à realidade e que mais vá ao encontro das aspirações dos leitores.

Quanto à forma também os nossos leitores nos poderão dizer alguma coisa. Como se vê, produto das críticas e sugestões dos seus leitores, o «Avante!» é hoje impresso quase só com um tipo maior, mais legível.

Depois, é no capítulo da distribuição que também há muito que melhorar. Há muita gente que poderia e gostaria de ler o nosso jornal mas que não o vê nem sabe como poderá recebê-lo. Cabe a cada um dos nossos leitores um esforço no sentido de passar sempre o nosso jornal, pelo menos, de o enviar para outra pessoa.

Muitos leitores nossos receiam que o dar o «Avante!» seja um atestado de militante comunista. Naturalmente que não se deve entregar o «Avante!» a quem não se conhece bem como pessoa honesta embora

possamos sempre dizer que o recebemos pelo correio ou o achamos. Mas o facto de se ler, mesmo regularmente, o nosso jornal não significa ser-se um membro do Partido. O nosso jornal chega às mãos de muitos portugueses que não são comunistas mas sim porque simpatizam com o nosso Partido ou somente porque se desejam documentar com as informações e as ideias do nosso órgão central. Por isso, se cada um dos nossos leitores procurar bem, entre os seus conhecimentos encontrará de certo alguém mais a quem possa entregar o nosso jornal.

É já muito velho o saber-se que se cada um dos leitores regulares do «Avante!» arranjasse um leitor regular novo, a tiragem do nosso jornal teria de duplicar. O nosso apelo não será bem esse mas esperamos e apelamos para que cada 2 leitores arranjam um leitor novo. Isto significaria que a tiragem normal do «Avante!» aumentaria 50%. Isto significaria que mais alguns milhares de portugueses leriam regularmente o nosso jornal, um jornal que não vai à censura, um jornal livre no nosso país amordaçado há tantos anos.

A resposta a este nosso apelo será dada por cada um dos nossos leitores, mas terá de ser em grande parte um trabalho das diferentes organizações do Partido que, de certo desejosas de corresponderem ao apelo, farão todos os esforços para isso.

As nossas colunas estão abertas às críticas, sugestões, informações e artigos dos nossos leitores, naturalmente sujeitos à apreciação da Redacção do «Avante!». Também para as nossas colunas traremos as melhores respostas ao nosso apelo. Elas serão um incentivo para os outros. Estamos certos de que o cumprimento da aspiração que aqui apresentamos será a melhor forma de festejarmos o aniversário do nosso «Avante!».

Em frente por uma mais ampla difusão do «Avante!»!

OIÇA A RÁDIO!

Rádio Moscovo

Transmite diariamente para Portugal no horário das 22,30 as 23,30 horas, pelas ondas de 16, 19 e 25 metros.

Rádio Pirineica

Transmite todos os dias, em espanhol nas ondas de 24, 25 e 26 metros, desde as 18 h. às 23 h, com um curto intervalo de 2 minutos em cada meia hora.

Rádio Pequim

Transmite, diariamente em espanhol das 19,30 às 19 horas e das 22 às 22,30 pelas ondas de 25 e 42 metros.

A GREVE DE 3.000 TRABALHADORES DE CAMPO MAIOR

Por razões alheias à nossa vontade, só agora nos é possível dar informações mais detalhadas da maneira como decorreu a greve de Campo Maior que teve lugar durante as ceifas e que abarcou 3.000 assalariados agrícolas.

A greve durou 15 dias e começou por uma concentração que reuniu mais de mil trabalhadores na praça de jornas, onde assentaram pedir 40\$00 e as 8 horas. No dia seguinte, reuniram-se novamente, desta vez na Casa do Povo, mais de 2.000 trabalhadores e enviaram uma comissão de 4 para se avistar com os agrários, que se haviam refugiado na Câmara ao saberem das disposições de greve dos trabalhadores. A Câmara encontrava-se já guardada por patrulhas da GNR e o presidente quis iludir os trabalhadores dizendo que o Grémio já tinha fixado as jornas em 90\$000 para 35 dias, começando o trabalho antes de nascer o sol ou então 15\$00 por dia e comida. A comissão recusou estas condições no que foi acompanhada por todos os restantes trabalhadores que decidiram imediatamente ir para a greve e organizar brigadas para evitar que os carreiros, criadas e cria-

dos trabalhassem, o que conseguiram.

No dia seguinte, voltaram a fazer nova concentração de 2.000 pessoas, na Casa do Povo, para apresentarem um documento de protesto contra a prisão dum trabalhador. Entretanto a GNR local foi reforçada com praças vindas dos concelhos vizinhos. Os trabalhadores de Ouguela em número de 300 solidarizaram-se com os de Campo Maior.

No segundo dia de greve a repressão aumentou e a PIDE prendeu 11 trabalhadores de Campo Maior e 3 de Ouguela.

Ao fim de 15 dias de greve os agrários começaram a meter ceifadeiras e a mandar vir ranchos de fora. Estes ranchos revelaram, no entanto, um elevado espírito de classe pois quando souberam que os trabalhadores locais estavam em greve, recusaram-se também a trabalhar e regressaram às suas terras.

A repressão aumentou ainda mais e os valentes trabalhadores de Campo Maior ameaçados de todas as formas pelas autoridades e vencidos pela fome não puderam manter até ao fim a sua firme posição.

NOVAS GREVES...

(continuação da 1.ª páq.)

Ainda a jornada de 1, 2 e 3

No dia 2 de Julho e integrada na jornada nacional de protesto contra a burla eleitoral, os operários das pedreiras do Carrascal (Borba) fizeram greve durante todo o dia. A GNR apareceu e quiz forçar os trabalhadores a pegarem no trabalho mas estes resistiram.

Em Alcanena, os operários de duas pequenas fábricas de cortumes, Policarpo Ferreira e outra, também nestes dias fizeram paralizações parciais.

No Barreiro, Almada e Montijo, os boicotes aos jornais, aos transportes públicos e aos espectáculos foi quase total. A lotaria quase não se vendeu e via-se muita gente de luto nestes dias.

Todas estas acções revelam que continua a existir na classe operária e nos assalariados agrícolas disposição para se lançarem em lutas políticas e reivindicativas.

As condições são favoráveis à obtenção de resultados no terreno da luta económica. Essas condições são de duas espécies, uma é a situação de miséria resultante do agravamento constante do custo de vida, outra, é que as massas trabalhadoras mos-

tram-se cada vez mais dispostas a lutar e colheram nos últimos 3 meses ricas experiências de organização e de condução das lutas. As reuniões de massas, os pequenos comícios locais revelaram-se uma das formas mais importante de mobilização dos trabalhadores e as comissões de unidade e organismos mais capazes de assegurar a coesão das massas trabalhadoras no decurso da luta.

Importa continuar estas acções porque elas mantêm vivo o espírito de luta das massas trabalhadoras, que tão valentemente souberam colocar-se à frente da Nação na luta contra a camarilha de Salazar e Santos Costa.

NOTA: No «Ayuntamiento» n.º 259 publicamos como transporte de rubricas dos MIL CONTOS 232.587\$50 em vez de 231.642\$20 que é o transporte correcto.